

INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB OLHAR DAS PRÁTICAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Maria Clara dos Santos ¹

Alessandra Lopes de Oliveira Castellini ²

RESUMO

Este trabalho objetiva refletir práticas que valorizam interações e brincadeiras das crianças na Educação Infantil por meio de reflexões obtidas no campo de estágio, no curso de Pedagogia. Enquanto eixos propostos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (Brasil, 2010) e asseguradas pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017), são compreendidas como instrumento para transformar o pensar sobre o fazer pedagógico na infância, considerando a criança como sujeito histórico e de direitos, que por meio das interações e práticas, constrói sua identidade pessoal e coletiva, produzindo cultura. De natureza qualitativa, ancorado nos pressupostos da teoria sócio-histórica (Vigotski, 2007), trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, baseada nos aportes de Gil (2002), fundamentada na legislação vigente (Brasil, 1996, 2010, 2017) e autores que abordam as interações e brincadeiras na Educação Infantil como eixos estruturantes da prática pedagógica como: Barbosa (2014), Brougère (1997), Fochi (2020), Kramer (2002), Kishimoto (2010), entre outros. Como instrumento para coleta de dados, foram utilizados levantamento bibliográfico e documental, bem como dados do relatório de estágio supervisionado II - na Educação Infantil, enquanto componente curricular do Curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Piauí – UFPI, na cidade de Picos/PI, realizado no ano de 2025. Das análises desse estudo, destaca-se a relevância das interações e brincadeiras como ferramentas facilitadoras da aprendizagem e do desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil. Consideramos que as práticas de estágio na Educação Infantil, contribuem para a sociabilidade das crianças, entre as crianças e com os adultos, estimulando a interação por meio de brincadeiras e práticas baseadas na ludicidade, bem como apontam a necessidade de promover as interações e brincadeiras articuladas aos direitos de aprendizagem e aos campos de experiências na Educação Infantil.

Palavras-chave: Interações e Brincadeiras, Práticas Pedagógicas, Educação Infantil, Estágio Supervisionado, Curso de Pedagogia.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal do Piauí- UFPI – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB/UFPI, Piauí. mariacларasantosunivr22@gmail.com

² Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social, Mestre em Educação, Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica, Pedagoga. Coordenação do Curso de Pedagogia – UFPI/CSHNB. Coordenadora do Projeto de Extensão: MULTILab – UFPI 2025 - 4ª Edição – PREXC-UFPI. Coordenadora do PIBID/UFPI/CAPES Subprojeto Interdisciplinar: Pedagogia, Letras e História – Picos. Universidade Federal do Piauí – UFPI – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB/UFPI, Piauí. alessandralopes@ufpi.edu.br



INTRODUÇÃO

No ambiente da Educação Infantil, as crianças estão sujeitas a todo momento a transformação, claro que, supervisionadas e com ajuda do profissional docente que, na sua ação prática, tem a missão de facilitar a aprendizagem. Esse crescimento da criança surge a partir das experiências vivenciadas no ato do brincar que conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017), pode ser solo e/ou através da interação com seus pares, com o espaço que a rodeia e com o que nele se encontra.

Foi por meio de temas discutidos no âmbito do Projeto de Extensão MULTILab UFPI – 4ª Edição 2025, que trata de uma rede de estudos das infâncias e práticas pedagógicas em prol das diversidades, inclusão e acessibilidades, com bolsistas PIBEX na Universidade Federal do Piauí – UFPI, que essa pesquisa foi motivada. Neste viés, este trabalho objetiva refletir práticas que valorizam interações e brincadeiras das crianças na Educação Infantil por meio de reflexões obtidas no campo de Estágio Supervisionado II, no curso de Pedagogia da UFPI no Campus de Picos/PI.

Ao reconhecer que o brincar não é uma ação voltada apenas para propor momentos de recreação na Educação Infantil, buscamos evidenciar o sentido pedagógico carregado de objetivos que por meio das vivências e práticas lúdicas por meio de experiências, são alcançados. No que se refere ao Estágio supervisionado, refletir acerca de como traduzir o brincar nas ações de planejamento e realização, requer um conhecimento ancorado nos direitos de aprendizagem e no entendimento de que a criança descobre o mundo a partir do novo, do diferente, a partir da imaginação na brincadeira e manipulação do que está em sua volta.

Esta pesquisa justifica-se, devido a visão simplista atribuída às interações e brincadeiras como um “passatempo” para as crianças na Educação Infantil, valorizando práticas que contrariam esse pensamento, tendo como base as próprias vivências com as interações e o brincar no contexto do estágio supervisionado nesta primeira etapa.

A distribuição de informações neste trabalho, foi pensada para uma melhor compreensão por parte do leitor. Assim, de primeiro momento pode-se encontrar os tópicos: Introdução, na qual é feito as primeiras apresentações acerca do assunto, anexada ainda a base bibliográfica da pesquisa, ou seja, o referencial teórico; a Metodologia, onde revela os caminhos percorridos para a produção do trabalho; os Resultados e Discussões, em que são expostos os principais resultados da pesquisa; as Considerações Finais, no qual é feito as últimas reflexões.



REFERENCIAL TEÓRICO

Em consonância com o que foi expresso acima, pode-se considerar comum no âmbito das práticas de Estágio Supervisionado em cursos de licenciatura, em especial no de Pedagogia (especialmente no primeiro contato com a regência), a importância de proporcionar para as crianças da Educação Infantil, atividades que promovam a aprendizagem a partir de interações e brincadeiras, conforme exposto na BNCC (Brasil, 2017). Partindo deste pressuposto, este escrito busca refletir acerca de práticas no âmbito do estágio supervisionado, que valorizam as interações e brincadeiras nesta etapa inicial da vida acadêmica.

Asseguradas por leis, as interações e brincadeiras tal qual são apresentadas na legislação brasileira vigente como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 (Brasil, 1996) que, ressaltam a importância destas no processo de aprendizagem da criança, cuja, a partir das experiências propostas pelo docente nas ações práticas envolvendo o lúdico, garantem o direito da criança à infância, permanência e uma educação de qualidade respeitando o tempo, o físico, o psicológico a cultura e o social. Além do mais, outros documentos que regem a educação nacional, como é o caso das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (Brasil, 2010), e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017), dedicam um espaço específico apenas para discutirem aspectos que compreendem a Educação Infantil.

Antes de mais nada, é interessante conhecer, mesmo que brevemente, quem são as crianças na qual se encontram nesta primeira etapa da Educação Básica e, que durante um reduzido período de tempo, irão se relacionar de forma mais direta com os então futuros professores. Entre idades que vão de 0 a 5 anos e 11 meses, estes pequeninos que acabam de ingressar nos espaços educativos, são considerados por pensadores como Vigotski (2007), seres históricos e sociais, nas quais a partir de suas interações coletivas e individuais com a cultura e o contexto social onde se encontram, vão desenvolvendo sua aprendizagem de forma gradual e, a partir daí, serão também produtores de cultura.

Assim como Vigotski (2007), autores como Barbosa (2014, p. 650) consideram a criança como um ser cultural ao ressaltar o seguinte sobre o que se entende do ser criança, onde elas “[...] passaram a ser vistas não apenas como seres determinados pelas culturas, mas também como agentes produtores de cultura”.

É no ambiente da sala de aula que boa parte da produção cultural destas crianças irá nascer e, conseqüentemente, é oportuno dizer que o brincar idealizado pelo docente



Kishimoto (2010, p.1) revela que “a criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos”. O que a autora diz é um ponto bastante relevante nos processos de ensino-aprendizagem propostos na Educação Infantil. Fazendo paralelo da fala de Kishimoto (2010) com o autor Gilles Bougère (1997, p. 97), ressalta que

Trazendo esse pensamento de que a brincadeira não é algo natural, mas podendo ser considerada algo idealizado e/ou forjado pelo ambiente e contexto social, concordando com Bougère (1997) ao dizer que a criança brinca com o que tem ao seu alcance e com o que está em sua mente. Para o fazer pedagógico na Educação Infantil e, principalmente nas ações que se referem à prática do estágio, ela é considerada uma estratégia lúdica (como já havia sido mencionado) em que os professores, se utilizam dela para um melhor desempenho e participação das crianças dentro da sala de aula. Isso não significa que a brincadeira é utilizada apenas para interações com e para as crianças, pelo contrário, o lúdico deve ser utilizado independente da etapa acadêmica em que os alunos se encontram, seja neste momento inicial da vida acadêmica, como em momentos que vão além deste.

Concordando com o que se foi dito acima, Fochi (2020, p. 61) considera que, “no perfil do professor de Educação Infantil é saber criar contextos adequados para as crianças experimentarem diferentes possibilidades e construir sentidos particulares e coletivos”. A partir do direito do brincar e das interações provenientes desta ação lúdica e, idealizadas muitas vezes em conjunto com o adulto, é que as crianças irão transformar as experiências conquistadas, em uma aprendizagem significativa e que favorece a sua própria evolução individual e coletiva, auxiliando na construção de sua identidade.

Como diz Kishimoto (2010, p. 1), “para a criança, o brincar é a atividade principal do dia a dia”, o professor ao realizar o seu trabalho, deve saber se utilizar deste



entendimento e respeitar o “querer” e a necessidade que a criança tem em descobrir o mundo a partir de sua imaginação com o ato do brincar.

Pensando nisso, a BNCC (Brasil, 2017) em conjunto com os eixos estruturantes ditados pelo Art. 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEIs presentes na Resolução CNE/CEB nº 5/2009 (Brasil, 2009), apresenta e reforça em seu capítulo 3, os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil. São eles: o conhecer; o brincar; o participar; o explorar; o expressar e; por fim, o conhecer-se (Brasil, 2017).

Acerca destes seis verbos, Fochi (2020) comenta que são uma espécie de horizonte para a idealização da prática pedagógica, englobando a organização e remanejamento dos espaços, dos materiais, como também do próprio propósito de investigação idealizados pelo professor. Ainda sobre a BNCC (Brasil, 2017), o documento enfatiza em diversos momentos o ato da interação ao brincar como principal meio de aprendizagem, tal qual é ressaltado que,

a interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (Brasil, 2017, p. 37)

Para se cumprir com o que se deseja para uma educação voltada para o lúdico e repleta de intencionalidade e de qualidade dedicando-a a nossas crianças, é necessário que o profissional docente, sendo ele o então responsável pela aprendizagem de outros seres, esteja apto para isso. Sabemos que o que se espera como professor e o que nos espera na realidade docente tem significados diferentes. Pimenta e Lima (2006) reflete bem sobre isso ao ressaltar falas de discentes de licenciatura que se deparam com a distorção do teórico com o prático no estágio, ou seja, do mundo perfeito da teoria com o real.

METODOLOGIA

Para a produção deste trabalho, caminhos metodológicos foram traçados de forma minuciosa. Acerca do estilo de pesquisa, pode ser considerada à primeira vista, uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfica que, de acordo com Gil (2002, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. No decorrer do escrito é possível observar características de uma pesquisa documental (mesmo não se tratando especificamente



acerca deste estilo) ao relacionar em diversas situações, dados retirados da legislação vigente e do relatório de Estágio Supervisionado na Educação Infantil.

Para este modelo, o autor ressalta “que a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (Gil, 2002, p. 45).

Necessitamos ressaltar a aqui, o contexto no qual o trabalho foi produzido. No cenário do Curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, na cidade de Picos-PI, no período 2025.1. O trabalho foi idealizado na disciplina de Estágio Supervisionado II, que se concretiza na primeira etapa da Educação Básica, ou seja, na Educação Infantil. A partir de uma idealização em conjunto, a ideia da construção de um artigo voltado para as interações e brincadeiras na Educação Infantil sob um olhar das práticas de estágio supervisionado foi crescendo e conversando com o currículo da disciplina, ao se trabalhar com pressupostos da legislação educacional vigente Brasil (1996, 2010 e 2017), e de autores como: Vigotski (2007), Bougère (1997), Pimenta e Lima (2006), Kramer (2002), Fochi (2020), Kishimoto (2010), dentre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Buscamos evidenciar aqui, os resultados encontrados a partir da análise dos aportes teóricos abordados em momentos anteriores, voltando-os para os dados documentados na legislação consultada, bem como nos autores utilizados e dados registrados no relatório das práticas de Estágio supervisionado na Educação Infantil, traduzindo-as e relacionando-as com as interações e o brincar como recorrente proposta da prática pedagógica nesta etapa inicial. Dito isso, é oportuno dizer que, o potencial pedagógico atribuído às interações e o brincar na Educação Infantil deve ser ressignificado e melhor utilizado, levando em consideração não só o seu poder construtivo, mas o entendendo também como proposta formadora e transformadora, integrando em si aspectos que vão além de um simples momento de recreação entre uma e outra atividade curricular.

O estudo desenvolvido por Castellini (2021) convoca educadores a fazerem uma reflexão sobre as formas de tratar a ludicidade nas práticas educativas. Conforme a autora,

“o brincar pode ser transformado em estratégia pedagógica, no processo de ensino e aprendizagem, instigando as crianças de forma lúdica para que descubram por meio de uma maneira interessante, ativa e divertida modos de aprender e se desenvolver” (Castelini, 2021, p.401).



A partir do que se foi visto, é possível entender que, para que a aprendizagem ocorra por meio do brincar e das interações provenientes dele, é necessário a compreensão de diversos fatores que influenciam esse processo, como espaço que acolhe as crianças e os profissionais que nele trabalham. Significando esse pensamento, Barbosa (2006, p. 122) ressalta que, “pensar no cenário onde as experiências físicas, sensoriais e relacionais acontecem é um importante ato para a construção de uma pedagogia da Educação Infantil”. Assim, para proporcionar momentos significativos nos espaços educativos nesta etapa é necessário que esses espaços estejam preparados para recebê-las. Ao iniciar os momentos de observação no estágio, é comum se deparar com espaços inadequados e nada atrativos, dificultando a realização do trabalho pedagógico e prejudicando o processo de aprendizagem das crianças que frequentam o ambiente.

Em concordância com o dito acima, a discussão sobre a influência da organização do espaço para o processo de ensino-aprendizagem é uma pauta recorrente nos encontros de turma. Encontros estes que visa debater acerca dos relatos de experiência no âmbito do estágio, a fim de melhorar, de alguma forma, as abordagens escolhidas nas ações práticas. No entanto, o espaço inviável não é o único problema evidenciado nos momentos iniciais do estágio supervisionado e que dispersa o processo de ensino-aprendizagem dos seus objetivos.

Seguindo essa linha, um outro problema a ser discutido aqui, diz respeito a pouca ênfase dada às interações e o brincar nas instituições de Educação Infantil como estratégia de ensino-aprendizagem. Sendo possível até mesmo entender o brincar, sob um olhar despreparado e, na sua mais simplista e equivocada conceituação, como um “passatempo” e não como uma ação que tem em si um valor pedagógico.

O brincar para Kishimoto (2010, p. 1) “é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança; dá prazer, não exige como condição um produto final; relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário”. Essa espontaneidade do brincar como diz a autora supracitada é, muitas vezes negligenciada e substituída pelas obrigatoriedades curriculares, assim favorecendo a sua pouca abordagem e importância no momento da aula e, transferindo-a para horários recreativos.

Para mudar essa perspectiva, são apresentados nas disciplinas didáticas do curso de Pedagogia documentos de referência para a idealização das ações práticas não só no estágio, mas em diversas atividades voltadas para proporcionar a aprendizagem às crianças, são eles: BNCC (Brasil, 2017) e as DCNEI (Brasil, 2010). Estes importantes



documentos legitimam as interações e o brincar não só como um direito da infância, mas como o principal meio na qual a criança se desenvolve de forma integral, ou seja, tanto fisicamente, quanto psicologicamente.

Partindo daí, é interessante ressaltar que, os documentos supracitados acima servem para orientar o trabalho pedagógico, sistematizando os direitos de aprendizagens que devem ser alcançados em determinada etapa, mas não quer dizer que se deve ancorar suas ideias apenas neles, uma vez que o contexto social e cultural na qual essas ideias serão desenvolvidas, também influenciam diretamente os resultados desejados. Autores como Vigotski (2017) e Bougère (1997) ressaltam em diversos momentos a cultura como uma das principais influências que impulsionam a aprendizagem, visto que, a sociedade está inundada por ela, e os indivíduos que nela vivem são facilmente moldados a caráter de suas tradições e conceitos. No entanto, a cultura como ponto de partida para a aprendizagem das crianças é pouco considerada.

Ao se entender o valor da cultura nas brincadeiras como uma parte essencial para o processo de ensino-aprendizagem com as crianças, será possível assim fazer um bom trabalho prático e carregado de intencionalidade, assim como Vigotski (2007) dialoga de forma indireta em seu escrito.

Como fórmula potencializadora do brincar, está o brinquedo, uma vez que nas práticas de Estágio Supervisionado na Educação Infantil são confeccionados diferentes recursos pedagógicos. Bougère (1997, p. 105) ressalta que, “a criança não brinca numa ilha deserta. Ela brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhes são propostas”. Considerando o autor supracitado, é importante internalizar nas ações práticas e idealizações de recursos, a cultura das crianças como ponto de partida para a aprendizagem, e não como uma pedra no meio do caminho, onde a única solução seja contorná-la/ignorá-la.

Em adição aos resultados encontrados, podemos mencionar ainda, as dificuldades em trazer o brincar como um eixo pedagógico nas ações de estágio, visto que, sua implementação depende de outros aspectos estruturantes que devem conversar entre si. Estes aspectos normalmente se ancoram em leis e diretrizes, porém trabalhá-los de forma prazerosa é uma conquista árdua. Ressaltamos esse pensamento, pois como observado em diversas situações, os professores priorizam o cumprimento desses mesmos aspectos, elegendo o brincar como uma atividade de segundo plano, ou seja, se sobrar tempo posterior às atividades de sala, as crianças podem brincar. Foi por meio das práticas de Estágio Supervisionado II, que buscamos contribuir com a formação das crianças,



colocando o brincar como atividade principal e regada de objetivos de aprendizagem, porém sua realização, muitas vezes, é boicotada por velhos costumes.

Este boicote diz respeito, em especial, a intervenção do professor que, na sua supervisão retira do estagiário a autonomia de idealização e escolha de atividades, priorizando o seu plano e sua metodologia, muitas vezes tradicionais e minimamente interativa. Por meio das análises dos relatórios de Estágio II, percebe-se que a maior dificuldade de se trabalhar o lúdico nas práticas de Estágio Supervisionado não se limita apenas às estruturas didáticas (idealização de atividades e suas realizações), mas a conflitos relacionados a práticas costumeiras e que, de alguma forma, abominam o distanciamento de ações recorrentes e tradicionalista. Ponderamos aqui, a necessidade de uma atualização de conceitos, práticas e outros pontos que influenciam a concretização do trabalho lúdico pedagógico na Educação Infantil. Kramer (2002, p. 75) considera que,

é necessário que os profissionais de Educação Infantil tenham acesso ao conhecimento produzido na área de Educação Infantil e de cultura em geral, para repensarem sua prática se reconstruírem enquanto cidadãos e atuarem enquanto sujeitos da produção de conhecimento.

No Estágio Supervisionado, é oportuno rever sempre que necessário as suas ações práticas, reconstruindo-as positivamente a partir da análise de conhecimentos produzidos na área de Educação Infantil conforme Kramer (2002). Por isso, é interessante entender que as práticas de Estágio Supervisionado não é apenas um momento de interação entre teoria e prática, onde o papel do estagiário é o de produzir recursos e brincadeiras, mas conforme Pimenta e Lima (2006), o estágio também pode ser entendido como um espaço pertinente para pesquisas e, partindo daí, a produção de materiais que dizem respeito a essas experiências, contribuem e dialogam com as vivências de outros indivíduos que se encontram na mesma etapa.

Dessa forma e, a partir das análises feitas no decorrer deste tópico, considera-se que as interações e brincadeiras merecem um papel mais ativo e propulsivo pela intencionalidade pedagógica. A sua importância, muitas vezes subestimada pelos próprios professores, principalmente no contexto da Educação Infantil, revelam o quanto este assunto, julgado “batido” e “ultrapassado”, ainda está repleto de inconsistências e sendo abordado através de uma dinamização quebrada.

Por meio desta pesquisa, observa-se que nas práticas de Estágio Supervisionado II, as interações e as brincadeiras refletem uma ação prática humanizadora, considerando a importância da infância, da descoberta por meio do lúdico, do aprimoramento próprio,



da construção de identidade, da produção cultural, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou refletir práticas que valorizam interações e brincadeiras das crianças na Educação Infantil por meio de reflexões obtidas no campo de estágio, no curso de Pedagogia. Por meio das discussões empreendidas, percebe-se que as interações e brincadeiras refletem nas práticas de Estágio Supervisionado como apoio pedagógico inerente. Isso significa que estes dois não podem ser dicotomizados e utilizados de forma rudimentar, sem um aprofundamento, sem um desenvolvimento adequado e distante da intencionalidade pedagógica. Reiteramos ainda, um conjunto de reflexões voltadas para o que se espera do brincar como prática pedagógica na Educação Infantil através do olhar do estágio supervisionado, ancorando-se em documentos que regem a educação nacional e autores que discutem o brincar e a cultura como base principal da aprendizagem infantil, considerando o papel do professor em formação inicial neste processo.

Considera-se os desafios do trabalho docente, sobretudo dos estagiários do curso de Pedagogia nas práticas de Estágio na Educação Infantil, sinalizando a importância da formação inicial docente pautada na ludicidade e na valorização da Pedagogia das Infâncias.

Por meio destas reflexões, observa-se que proporcionar aprendizagens a partir de interações e brincadeiras requer entendimento fundamentado e repleto de intencionalidade pedagógica, por isso, ressaltamos a importância de uma formação inicial docente mais sólida, com formação continuada dos profissionais, visto que, um currículo bem estruturado nesse processo torna-se essencial para elevar a qualidade do serviço oferecido nos espaços educativos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S.. Culturas infantis: contribuições e reflexões. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 645-667, set./dez. 2014.

BARBOSA, M. C. S.. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 14 de set de 2025.



BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 16 de ago de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil/Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BOUGÈRE, G.. **Brinquedo e Cultura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

CASTELINI, Alessandra Lopes de Oliveira. A Literatura em Multiformatos com Princípios do Desenho Universal para Aprendizagem: Caminhos para Inclusão e Diversidade. 579f. Tese (Doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão Social) – Universidade Feevale. Novo Hamburgo, BR-RS, 2021. Disponível em: <https://pergamum.feevale.br/acervo/281536>. Acesso em: 27 de set de 2025.

FOCHI, P. S.. Criança Currículo e Campos de Experiência: notas reflexivas. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, RS, 52 - 72, v. 25, Dossiê, 2020.

GILL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2002.

KISHIMOTO, T. M.. Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil. **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais**, Belo Horizonte, p. 1-20, 2010.

KRAMER, S.. Propostas pedagógicas ou curriculares de educação infantil: para retomar o debate. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 13, n. 2, p. 65–82, 2002.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L.. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

